

COMPORTAMENTO DA GERAÇÃO DE CAIXA: ESTUDO DE CASO DE UMA EMPRESA INDUSTRIAL DO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

Amanda Marçon Ventrice (IC) e José Matias Filho (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar quais são os principais itens que influenciam o comportamento de geração de caixa em uma empresa industrial do setor de construção civil no município de Jundiaí. O presente estudo utilizou como base o método quantitativo, pelo qual foi realizado por intermédio de um estudo de caso. Os dados financeiros empregados para a obtenção dos resultados desejados foram fornecidos pela empresa estudada, sendo esses, os balanços patrimoniais e as demonstrações do resultado de exercício dos últimos seis períodos de atividade, mais especificamente os equivalentes ao ano de 2011 até 2016. Esses dados coletados permitiram a elaboração das Demonstrações de Fluxo de Caixa Indireto, concedendo subsídios para responder à pergunta central da pesquisa. Os resultados demonstraram que a empresa obteve uma geração de caixa positiva ao longo de todo o período analisado, evidenciando que a mesma está sendo administrada positivamente no sentido de adicionar valor para os acionistas, devido ao fato de ser um participante do setor privado. Também possibilitou identificar qual foi o principal fluxo de atividade responsável por esses resultados, e os respectivos itens que influenciaram de forma positiva para preservar sua saúde financeira, com o intuito de auxiliar os gestores na tomada de decisão sobre o tema.

Palavras-chave: Adição de valor. Geração de caixa. Demonstração de fluxo de caixa.

ABSTRACT

This academic work has as objective identify what is the main items which influence the behavior of cash flow generation in an industrial company of the construction sector in the city of Jundiaí. This research was based in a quantitative method, and it was carried out through a case study. The financial data used to obtain these results were provided by the company, and among this information are the balance sheet and income statements for the fiscal year of the last six periods of activity, since 2011 until 2016. Those data allowed an elaboration of the Indirect Cash Flow Demonstration, giving subsidies to answer the central question of this research. These results demonstrated the company has a positive cash generation over the analyzed period, evidencing that this company has being administered positively in order to adding value to the shareholders, due to the fact of being a Private Sector

participant. Also made possible identify what is the main activities responsible for these results, and their respective items which influenced in a positive way to preserve its financial health, intending help the managers in their decision-making on the theme.

Keywords: Adding value. Cash flow generation. Cash flow statement.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil inseriu-se tardiamente no processo de industrialização. A crise de 1930, que se iniciou nos Estados Unidos, repercutiu no Brasil com o declínio na demanda e preço do café, juntamente com o regresso dos fluxos de capital. Como consequência, houve a diminuição das exportações e a balança de capital tornou-se negativa. Frente a crise, o país adotou o Processo de Substituição de Importações (PSI), o que gerou forte avanço do setor industrial nacional. Durante esse processo a indústria obteve a diversificação e diminuição da necessidade de importação quanto ao abastecimento interno (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO JUNIOR, 2013).

Do ponto de vista econômico, a economia brasileira caracteriza-se por sua constante transformação. O país encontrou-se em um novo cenário a partir dos anos 90, por consequência da abertura comercial. Em função disso, a entrada das importações nesse período trouxe o crescimento na competitividade da indústria brasileira. No entanto, não foram adotadas as devidas políticas industriais, e juntamente a isso, o país detinha tecnologia defasada para competir no cenário externo, acentuando a vulnerabilidade da indústria nacional (DEITOS, 2012).

Diante da competitividade do mercado, para Marocki (2015), as empresas passaram a demandar cada vez mais por respostas rápidas. A autora afirma que o setor de construção civil apresenta algumas características singulares, exercendo grande influência perante a economia. Devido a sua complexidade, ao enfrentar crises econômicas, esse setor sofre grandes impactos.

Diante disso, observasse a necessidade de análises constantes relacionadas as possíveis alterações no comportamento das empresas desse setor, notadamente na geração de caixa, objeto deste estudo, buscando explicá-las.

Uma das formas de observar o comportamento do desempenho financeiro é através das demonstrações de fluxo de caixa da empresa, obtidos a partir dos balanços patrimoniais ao longo de um período de tempo. De acordo com Ross *et al* (2015), o balanço patrimonial contempla o saldo de toda a movimentação contábil de uma empresa em um período específico. Tal ferramenta mostra o que a empresa detém e como é financiada.

Com a Demonstração de Fluxo de Caixa, conforme Damodaram (2007), é possível garantir melhor controle sobre como os recursos presentes foram adquiridos e onde foram investidos. Obtendo uma visão global de como está a situação financeira de determinada empresa. Apesar de sua não obrigatoriedade, as demonstrações do fluxo financeiro apresentam grande importância para fins empresariais internos.

Esse instrumento é considerado um grande determinante no processo decisório nas empresas. Sendo possível prever prováveis riscos, dividendos e até mesmo caixas futuros (SILVA; SANTOS; OGAWA, 1993).

Para financiar seus negócios no curto prazo, ou seja, pagar seus custos e despesas mensais, a empresa depende de sua liquidez. Do qual, é fornecido por sua geração de caixa. Esse recurso deve proporcionar valor à instituição. Levando em consideração o crescimento de sua receita, os fatores econômicos externos e o nível de liquidez aspirado pela empresa (BRASIL, 2005).

Muitos gestores afirmam que esse tipo de análise merece enfoque, pelo fato de esses dados contábeis serem considerados confiáveis. O sucesso de qualquer empresa depende da somatória desse conjunto de fatores feitos de maneira adequada. Visando identificar em quais quesitos a empresa precisa aprimorar-se e buscar aplicar devidas medidas, de forma que ocorram transformações desejadas de sua realidade (BREALEY, MYERS e ALLEN, 2013). Tais índices financeiros por si só, segundo os autores, dificilmente são capazes de fornecerem respostas, mas auxiliam na elaboração de perguntas adequadas e consequentemente, trazem segurança na tomada de decisão.

Mediante isso, pretende-se analisar o comportamento da geração de caixa de uma empresa industrial do setor de construção civil no município de Jundiaí. Aplicando esses conceitos na administração da empresa estudada, identificando quais são os principais itens que influenciam o comportamento de sua geração de caixa, auxiliando os gestores na tomada de decisão sobre o tema.

Dessa forma, o presente estudo pretende responder a seguinte questão: quais são os principais itens da geração de caixa de uma empresa industrial do setor de construção civil no município de Jundiaí, no período de 2012 a 2016?

Caracteriza-se por objetivo geral desta pesquisa identificar quais são os principais itens responsáveis pela geração de caixa em uma empresa industrial do setor de construção civil no município de Jundiaí. E como objetivos específicos do estudo: (a) levantar o Balanço Patrimonial e a Demonstração de Resultados dos últimos seis períodos da empresa; (b) calcular a Demonstração de Fluxo de Caixa Indireto, a partir do Balanço Patrimonial e DRE; (c) identificar os principais itens da geração de caixa (positiva ou negativa), no período estudado, oferecendo subsídios que possam ser utilizados pelos gestores para tomada de decisão na empresa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

É importante analisar os conceitos contábeis que envolvem a evolução do caixa de uma empresa, sendo esse o objeto de análise do presente estudo. A contabilidade tem um papel fundamental na tomada de decisão das organizações (SILVA; SANTOS; OGAWA, 1993), pois é o principal fornecedor de informações financeiras da empresa, tanto na visão de competência como na visão de caixa, subsidiando as análises com informações necessárias à tomada de decisões empresariais, pois essas necessitam ser embasadas em fatos, para que haja segurança.

2.1 CONCEITO DE CAIXA

Na visão de Assaf Neto (2014), como caixa, compreendem-se todos os recursos presentes e os depósitos em conta corrente que podem ser obtidos instantaneamente. Acrescenta que os equivalentes de caixa são recursos presentes pela empresa, onde há a capacidade de serem transformados diretamente em liquidez.

Essa rubrica contábil, normalmente conhecida como disponível, permite observar todos os recursos monetários que dada empresa possui. É classificada como ativo circulante, havendo a possibilidade de ser transformada em montante (dinheiro) com maior facilidade. Também, Ribeiro (2013) afirma que caixa é todo o numerário em espécie e presentes em agências bancárias, e acrescenta que o equivalente de caixa, ao ser convertido em montante, corre um pequeno risco de sofrer alterações de valor.

Logo, os equivalentes de caixa são todos os investimentos feitos em curto prazo que apresentam alta liquidez, sendo esses, recursos com a possibilidade de serem convertidos em caixa facilmente. Porém, correm o risco de sofrerem uma pequena alteração no valor durante o processo, originado de tarifas, impostos ou eventualmente marcação a mercado de ativos. Compreende-se que os recursos podem estar presentes tanto no caixa da empresa como em agências bancárias, dessa forma, entende-se o termo de caixa como “disponível”, ou seja, todos os valores presentes no caixa somado aos presentes em banco (MARION, 2009).

2.2 GERAÇÃO DE CAIXA

De acordo com Brasil (2005), o principal objetivo da geração de caixa está na criação de valor. Pois este é o instrumento utilizado pelas empresas para quitar suas obrigações (e remunerar os proprietários do capital), caso contrário, a atividade empresarial corre o risco de ser interrompida. O interessante seria se o valor mínimo de geração fosse adaptado à previsão

de crescimento da receita, juntamente com a equidade das metas de financiamento externo e o nível esperado de liquidez.

O caixa gerado pelo ciclo operacional da empresa possui suma importância. Deve-se evitar ao máximo qualquer hipótese de caixa negativo¹ nesse item empresarial (MARION, 2008).

Segundo Marion (2009), algumas transações possuem a finalidade de gerar caixa, tais como: integralização do capital social, sendo esses investimentos fornecidos pelos sócios da empresa (é importante ressaltar a possibilidade de esse investimento ser realizado na integralização de bens imobilizados, estoques, etc., e não na forma de dinheiro, quando tal fato ocorre, essa transação não afetará o caixa); empréstimos bancários e financiamentos, (onde esses recursos serão utilizados normalmente no ativo circulante e fixo, respectivamente); as vendas de produtos e serviços realizadas a vista e vendas de ativos imobilizados. E posteriormente, as que foram realizadas a prazo (sem dúvidas, os recursos provenientes das vendas, são os principais responsáveis pela geração de caixa); outras entradas também podem aumentar o caixa (como juros recebidos por investimentos, indenizações, recebimento de dividendos por outras empresas, etc.).

2.3 FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa é um importante determinante na tomada de decisão e na apuração de resultados – positivo ou negativo – da empresa, segundo Ross *et al* (2015), possibilitando uma melhor visualização da situação financeira da mesma.

No quadro 1, abaixo, encontram-se algumas definições de fluxo de caixa, de acordo com os autores citados, onde há uma convergência no sentido dessa ferramenta representar a movimentação financeira de uma empresa, apontando dessa forma o saldo disponível a cada período, ou a necessidade de se buscar mais recursos:

¹ De fato, a expressão “caixa negativo” só pode ser usada em projeções futuras, pois não há como uma empresa gastar mais recursos do que possui em determinado momento. Situações de “caixa negativo” no presente somente são possíveis quando se considera que um banco ou alguma outra instituição financeira emprestou recursos à empresa para completar a movimentação necessária, representando esse valor negativo uma dívida para com o doador do recurso (MATIAS FILHO, 2016).

Quadro 1 – Definições de Fluxo de Caixa

Definição	Autor
Fluxo de Caixa é um instrumento de gestão financeira que projeta para períodos futuros todas as entradas e as saídas de recursos financeiros da empresa, indicando como será o saldo de caixa para o período projetado.	(SEBRAE, 2011, p. 01).
Trata-se apenas da diferença entre o dinheiro recebido e o dinheiro pago. Muitas pessoas confundem, porém, o fluxo de caixa com os lucros contábeis.	(BREALEY; MYERS; ALLEN, 2013, p. 118).
Fluxos de caixa são as entradas e saídas de caixa e equivalentes de caixa.	(RIBEIRO, 2013, p. 422).
Fluxo de caixa é uma ferramenta que controla a movimentação financeira (as entradas e saídas de recursos financeiros), em um período determinado, de uma empresa.	(SILVA, 2014, p. 31).

Fonte: elaborado pela autora.

Ross *et al* (2015), consideram que há diferenças entre o fluxo de caixa e o capital circulante líquido (CCL), visto que quando o caixa é utilizado para pagar as obrigações da empresa, como por exemplo, ao adquirir mercadorias, os recursos utilizados para tal investimento com estoque são advindos do caixa, onde “estoque” e “caixa” são classificados como ativos circulantes, e esse movimento diminui o fluxo de caixa da empresa. Todavia, o capital circulante líquido não é afetado, pelo fato de o acréscimo do estoque estar ligado à diminuição de caixa, permanecendo o CCL no mesmo nível.

É importante ressaltar, segundo Brealey, Myers e Allen (2013), que os dados dos fluxos de caixa devem ser registrados somente quando ocorrem, ou seja, na data em que o pagamento ou recebimento é efetivado.

Ainda sobre o fluxo de caixa, Sá (2004) define que a existência de subcontas pode facilitar sua organização e gerar transparência, pois permitem a decomposição do fluxo de caixa das atividades empresariais, nas quais, serão utilizadas posteriormente nas chamadas Demonstrações de Fluxo de Caixa – DFC, que compreendem as subcontas:

Fluxo de Caixa das Atividades Operacionais – É o resultado das atividades normais da empresa no que se diz respeito à produção e venda de bens e serviços. Seu saldo está relacionado com o recebimento e pagamento proveniente da demonstração de resultados (PADOVEZE, 2000). Em geral, possui saldo positivo, caso o contrário ocorra de maneira

acentuada, significa que a empresa não está gerando o caixa necessário para arcar com as atividades operacionais da mesma. Resumidamente, Ribeiro (2013) afirma que se relacionam com as restantes atividades não condizentes como as de investimento ou financiamento.

Fluxo de Caixa das Atividades de Investimentos – Segundo Assaf Neto (2014), é o recurso financeiro referente a empréstimos e financiamentos, sendo esses, informações do ativo permanente, ou do disponível em longo prazo.

Fluxo de Caixa das Atividades de Financiamento – Está relacionado às atividades com credores e investidores durante o período (ASSAF NETO, 2015).

É notório a importância da atuação das pequenas empresas na economia do país, principalmente ao olhar perante a ótica do desemprego e ao do setor informal (KASSAI, 1997). Com base nisso, a autora realizou um estudo com objetivo de enfatizar alguns fatores considerados relevantes no desenvolvimento de um modelo, que visa utilizar informações contábeis na gestão desse porte empresarial. Constatou como importante instrumento a utilização do fluxo de caixa prospectivo, por apresentar fácil entendimento, com a possibilidade de resumir todas as atividades da mesma. Principalmente nos primeiros estágios de consolidação da empresa, diante da necessidade de recursos financeiros para cumprir suas respectivas obrigações.

Sobre a importância desse instrumento no processo decisório, Pivetta (2005) salienta sobre o uso do Fluxo de caixa durante a implementação de determinada empresa. Devido a sua fácil compreensão da disponibilidade financeira, esse fluxo é responsável por fornecer os subsídios necessários no período de consolidação de sua fase inicial.

Um estudo de caso de uma construtora, realizado por Carvalho (2010), visou observar a importância da utilização do Fluxo de Caixa como forma de obter controle financeiro. Por se tratar de uma empresa no ramo de construção civil, seu comportamento assemelha-se a uma prestadora de serviços, ou seja, não utiliza estoque. Ao observar esse movimento contábil, concluiu que uma estratégia pertinente seria a implementação da política de aceleração do recebimento de contas a receber. Ou seja, os dados fornecidos pelo Fluxo de Caixa, tornou possível essa análise, e conseqüentemente, o estabelecimento de estratégias, o que facilitou a tomada de decisão. Tais aspectos visam trazer o aprimoramento empresarial.

2.4 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)

Primeiro, deve-se ter em vista que a Demonstração de Fluxo de Caixa passou a ser obrigatória por intermédio da Lei n.11.638/07, substituindo o antigo modelo denominado DOAR. Em concordância com a Lei atual, é necessário que a DFC evidencie, pelo menos, os

três fluxos de caixa financeiros, sendo esses: das operações; dos investimentos; e dos financiamentos.

(ASSAF NETO, 2013).

Segundo Ribeiro (2013), a Demonstração de Fluxo de Caixa tem como principal finalidade demonstrar quais foram as transações realizadas em um dado período, enfatizando seus respectivos fins, ou seja, a débito ou a crédito. Buscando identificar quais fatores geraram alterações no saldo de caixa e equivalentes de caixa.

Resumidamente, a DFC evidencia qual foi a origem do montante que entrou no Caixa, e da mesma forma, qual foi o destino e as aplicações do montante que saiu do Caixa. Destaca-se como uma demonstração dinâmica, diferente do Balanço Patrimonial (apesar da DFC estar presente no balanço) considerada como demonstração estática, ou seja, por representar somente a “fotografia” do período, o que impossibilita a explicação do que contribuiu para tal resultado. Entretanto, o dinamismo da Demonstração do Fluxo de Caixa proporciona tal análise (MARION, 2009).

Sua função é ceder informações importantes sobre a entrada e saída de dinheiro do caixa da empresa, realizados em dado período, afirma Ludícibus (2010). Ainda segundo o autor, essa ferramenta viabiliza a análise da saúde financeira da empresa, juntamente com suas respectivas condições para gerar caixa, dando enfoque em quais foram os fatores que o influenciaram.

Oferece subsídio para análises precisas e a propensão da empresa de gerar caixa, e consequentemente, honrar compromissos financeiros (ASSAF NETO, 2014). A DFC pode ser obtida por intermédio de dois métodos: indireto e direto. Tais métodos apresentam como foco as atividades operacionais, sendo esse, o grupo que apresenta maior potencial na geração de valor.

Uma pesquisa realizada por Barbosa, Quintana e Machado (2011), buscou analisar o perfil das publicações científicas relacionadas aos Fluxos de Caixa e a Demonstração dos Fluxos de Caixa, em especial na Revista de Contabilidade e Finanças (USP), no intervalo de 1989 a 2009. Verificou-se nesse período uma quantidade não expressiva de publicações no Brasil, porém, é possível constatar também a existência de um significativo crescimento se comparado aos anos antecedentes. Dentre essas pesquisas é notório os diferentes tipos de abordagens sobre o tema, devido à preocupação das empresas em se manterem saudáveis e da administração em buscar uma forma eficaz de gerir seus fluxos de caixa.

Alguns estudos realizados têm como objetivo evidenciar quais foram as origens do fluxo de caixa e destacar a relevância da utilização da DFC como importante instrumento que visa fornecer informações gerenciais. Nesse sentido, Quintana, Serafin e Sauri (2003)

realizaram um estudo de caso elaborado com base nas demonstrações contábeis da Eletrosul nos períodos de 2001 a 2002. Constataram que no ano de 2001 os fluxos eram provindos das operações, já em 2002, foi acrescido fluxos de financiamento em longo prazo que se tornaram valores circulantes. E a partir dessas observações contábeis, concluíram que embora a empresa apresentasse uma boa capacidade de pagamento, se fez necessária a mudança dos recursos destinados aos investimentos.

Costa (2009) elaborou um estudo de caso sobre uma determinada empresa (Beta S.A) através da utilização da DFC, com o objetivo de verificar qual é a melhor maneira de explorar dados financeiros. Concluiu que a capacidade da empresa de gerar caixa provoca relativa solidez, o que colabora para a sobrevivência da empresa. Logo, tem-se a relevância da DFC como forma de mensurar essas informações, porém, é importante destacar também a utilização de outros demonstrativos financeiros.

2.4.1 DFC INDIRETO

Este método, também denominado como método de reconciliação, faz ligação entre o lucro líquido e o caixa que foi gerado nas operações consideradas como despesas ou receitas (IUDÍCIBUS; MARTINS; GELBCKE, 2003).

Segundo Marion (2008), é obtida de forma indireta e tem como base o Lucro/Prejuízo do Exercício, utilizando os dados presentes nos fluxos de caixa operacionais, de investimentos e de financiamentos.

Visa adaptar as alterações ocorridas nos itens do não circulante ao do circulante, propondo demonstrar quais foram suas respectivas variações, sendo essas identificadas por alterações no capital de giro da empresa. Os acréscimos ocorridos nos ativos circulantes resultam na saída de caixa e as diminuições ocasionam na geração de caixa. De maneira oposta, ocorre com o passivo circulante (IUDÍCIBUS; MARION, 2002).

Além de ressaltar as mudanças sucedidas nas disponibilidades da empresa, esse fluxo não deixa evidente os valores monetários das entradas e saídas, mas traz consigo a respectiva simplificação baseada nas diferenças entre os saldos (MARION, 2009).

2.4.2 DFC DIRETO

Para Iudícibus, Martins e Gelbcke (2003), seu principal enfoque está relacionado às atividades operacionais, observando as entradas e saídas brutas de dinheiro.

De acordo com Marion (2006), essa demonstração é a mais simples de ser compreendida, cujo objetivo principal é informar a origem e aplicação dos recursos financeiros.

É realizada a partir dos resultados obtidos pelas movimentações sucedidas no caixa da empresa. Sendo estruturado a partir dos Balanços Patrimoniais e Demonstrações de Resultado do Exercício (MARION, 2008), notadamente através do fluxo registrado na conta Caixa e Equivalentes de Caixa.

Dessa forma, este método auxilia o gestor a mensurar a solvência de determinada empresa, pois esclarece a movimentação de seus recursos financeiros, observando suas origens e destinos (COSTA, 2009).

Esse modelo, para Marion (2009), pode ser apresentado como aquele que apresenta maior poder informativo, se comparado ao modelo indireto.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo tem como característica o método quantitativo. Segundo Marconi e Lakatos (2011), é formulado através do recolhimento de dados, cujo objetivo é comprovar suposições fundamentadas em aspectos numéricos e na avaliação estatística para determinar modelos de comportamento. Visando expandir os dados, isto é, a informação. Sendo esse método baseado no método hipotético-dedutivo.

O modelo quantitativo utilizado é um estudo de caso. De acordo com Yin (2015), esse método consiste em reunir, retratar e demonstrar dados que proporcionem uma melhor compreensão de determinado evento presente na sociedade, de modo empírico. Permitindo “que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real” (YIN, 2015, p. 4).

3.2 AMOSTRA

Como amostra de estudo foi utilizada uma indústria fornecedora de produtos para o mercado de construção civil localizada na cidade de Jundiaí, que apresenta capital fechado.

Caracteriza-se como uma indústria e comércio, cujo objetivo é comercializar produtos e soluções para o cotidiano das pessoas. Mesmo possuindo portfólio variado, seu foco está voltado para itens de construção civil, desde a fundação de obras civis até o acabamento.

3.3 COLETA DE DADOS

Para identificar quais são os determinantes da geração de caixa (positiva ou negativa) da amostra analisada, foram levantados os Balanços Patrimoniais e as Demonstrações de Resultados dos últimos seis períodos de atividade, mais especificamente dos períodos que equivalem ao ano de 2011 até 2016, sendo possível dessa forma calcular a Demonstração de Fluxo de Caixa Indireto do período de 2012 a 2016.

3.4 PROCEDIMENTOS DE CÁLCULO

A partir dos dados coletados (Balanços Patrimoniais e Demonstrações de Resultados), foram elaborados as Demonstrações de Fluxo de Caixa Indireto.

Para isso, foram calculadas as variações por meio da diferença entre dois períodos específicos, classificando-os como saídas e entradas. Sendo que os dados dos ativos sofreram inversão de sinal ao serem alocados para a DFC, já os relativos ao passivo mantiveram-se o sinal.

A Demonstração de Fluxo de Caixa Indireto estruturou-se a partir do Lucro/Prejuízo do Exercício do último período analisado, de modo a ser adicionado com os fluxos relacionados as atividades operacionais.

Os dados fornecidos pelas variações foram organizados conforme a característica do fluxo de atividade pertencente (operacional, investimento e financiamento), e a somatória desses fluxos forneceram qual foi o respectivo aumento/redução de Caixa. Posteriormente, realizou-se a diferença entre o saldo inicial de caixa do período anterior, ao saldo final de caixa relativo ao período analisado.

Com o valor encontrado referente ao aumento/redução de caixa, realizou-se a subtração com a diferença encontrada pelos respectivos saldos analisados, de forma a “zerar” a DFC.

Para a análise dos dados foi utilizada a metodologia conhecida como análise horizontal, que de acordo com Warren, Reeve e Fess (2008) se processa através da análise percentual das variações de contas que são inter-relacionadas em demonstrações financeiras (subsequentes) que se deseja comparar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo permitiu a elaboração das Demonstrações do Fluxo de Caixa Indireto dos últimos cinco períodos da empresa analisada, referentes aos anos de 2012 até 2016. Dessa forma, foi possível realizar uma análise horizontal com os respectivos resultados de cada ano, com o objetivo de identificar quais foram os principais itens responsáveis pela Geração de Caixa de uma empresa industrial do setor de construção civil do município de Jundiaí.

Tabela 01 Demonstrações de Fluxo de Caixa Indireto: Período de 2012 a 2016

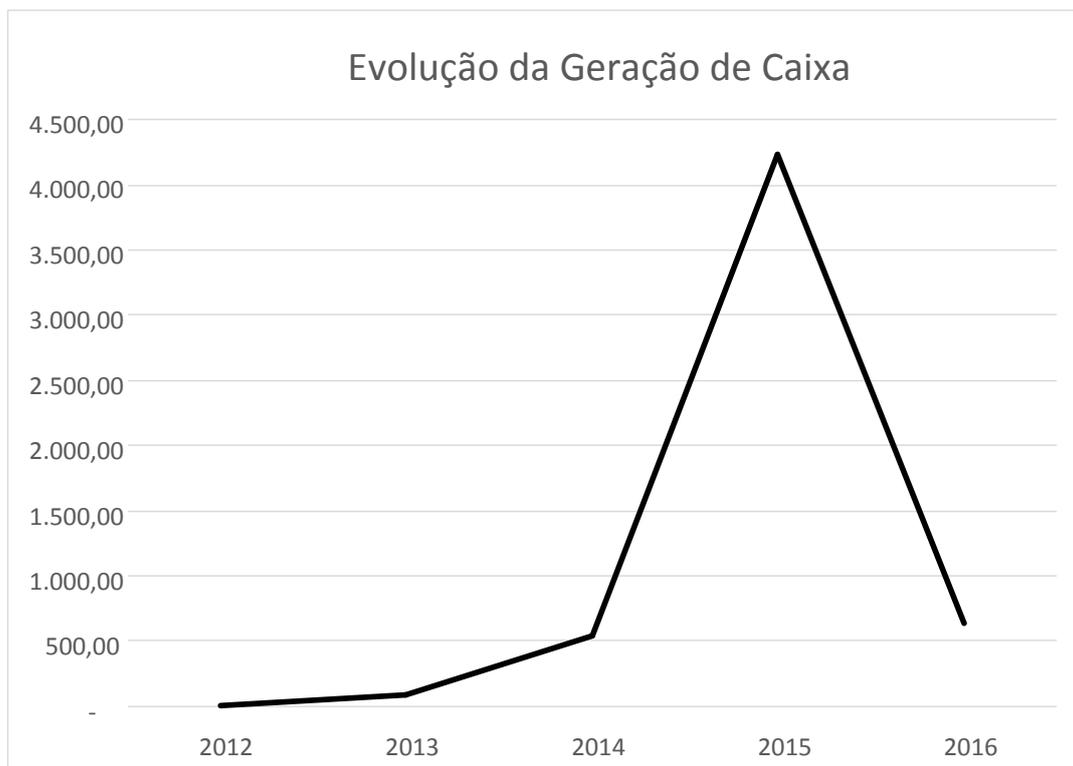
Períodos	2012	2013	2014	2015	2016
a) Fluxo Caixa Atividades Operacionais	1.226,56	369,55	1.038,52	4.350,46	437,78
Lucro Líquido	1.330,47	1.049,64	1.206,50	1.404,38	492,39
Depreciação / PDD	785,60	574,01	672,38	583,76	482,35
Contas a Receber	(1.166,36)	(866,16)	(603,48)	910,24	32,70
Estoques	(1.611,59)	(998,19)	153,13	(166,83)	205,65
Outros	157,39	718,07	(558,85)	1.487,54	4,43
Realizável Longo Prazo	(84,78)	(33,10)	(102,74)	(115,59)	(127,12)
Passivo Circulante	1.754,84	(125,16)	128,36	108,59	(772,09)
Prov. Trabalhistas L.Prazo	60,99	50,44	143,23	127,42	130,42
Prov. Fiscais Longo Prazo	-	-	-	10,94	(10,94)
b) Fluxo Caixa Atividades Investimentos	(847,34)	(570,36)	(446,85)	(452,02)	(329,86)
Investimentos	346,72	(6,24)	(0,22)	(1,03)	(7,38)
Imobilizado	(1.194,06)	(564,13)	(446,63)	(451,00)	(322,48)
c) Fluxo Caixa Atividades Financiamento	(374,94)	288,14	(47,67)	337,61	535,36
Empréstimos	(196,78)	1.285,30	1.083,12	1.663,30	996,27
Variações no P.L. (excluindo Lucros Retidos)	501,28	-	-	-	-
Dividendos Pagos (L.L. - Lucros Retidos)	(679,44)	(997,16)	(1.130,79)	(1.325,69)	(460,92)
d) Aumento/Redução de Caixa (a+b+c)	4,29	87,33	544,00	4.236,05	643,28
e) Saldo Inicial de Caixa	38,79	43,08	130,41	674,41	4.910,45
f) Saldo Final de Caixa	43,08	130,41	674,41	4.910,45	5.553,74
(a+b+c) = Diferença Saldo de Caixa	4,29	87,33	544,00	4.236,05	643,28

Fonte: elaborado pela autora.

Para manter a privacidade das informações financeiras da empresa e não divulgar os resultados efetivos da mesma, todos os cálculos foram realizados com o a utilização de um algoritmo, com o intuito de manter a confidencialidade dos números, mas mantendo as reais proporções dos elementos presentes na análise.

Ao examinar a evolução das DFC Indiretas, apresentada no gráfico 01 abaixo, é notório que a geração de caixa da empresa é positiva, no período em questão. Há um aumento obtido de maneira crescente dos anos de 2012 a 2016. Em especial no ano de 2015, observasse um pico no caixa gerado, 679% em relação ao ano anterior. No ano de 2016 ocorreu uma queda de 85% em relação a 2015, mas mesmo assim, continuou a gerar bons resultados se comparado aos anos anteriores.

Gráfico 01 Evolução da Geração de Caixa da Empresa entre 2012 e 2016



Fonte: elaborado pela autora.

A Tabela 2, abaixo, apresenta os cálculos da análise horizontal efetuada, resultando em quatro períodos de análise:

Tabela 02 Análise Horizontal das Demonstrações de Fluxo de Caixa Indireto

Períodos	2013/2012	2014/2013	2015/2014	2016/2015
a) Fluxo Caixa Atividades Operacionais	-69,9%	181,0%	318,9%	-89,9%
Lucro Líquido	-21,1%	14,9%	16,4%	-64,9%
Depreciação / PDD	-26,9%	17,1%	-13,2%	-17,4%
Contas a Receber	25,7%	30,3%	250,8%	-96,4%
Estoques	38,1%	115,3%	-208,9%	223,3%
Outros	356,2%	-177,8%	366,2%	-99,7%
Realizável Longo Prazo	61,0%	-210,4%	-12,5%	-10,0%
Passivo Circulante	-107,1%	202,6%	-15,4%	-811,0%
Prov. Trabalhistas L.Prazo	-17,3%	184,0%	-11,0%	2,4%
Prov. Fiscais Longo Prazo				-200,0%
b) Fluxo Caixa Atividades Investimentos	32,7%	21,7%	-1,2%	27,0%
Investimentos	-101,8%	96,4%	-361,6%	-618,3%
Imobilizado	52,8%	20,8%	-1,0%	28,5%
c) Fluxo Caixa Atividades Financiamento	176,8%	-116,5%	808,2%	58,6%
Empréstimos	753,2%	-15,7%	53,6%	-40,1%
Variações no P.L. (excluindo Lucros Retidos)				
Dividendos Pagos (L.L. - Lucros Retidos)	-46,8%	-13,4%	-17,2%	65,2%
d) Aumento/Redução de Caixa (a+b+c)	1936,6%	522,9%	678,7%	-84,8%
e) Saldo Inicial de Caixa	11,1%	202,7%	417,1%	628,1%
f) Saldo Final de Caixa	202,7%	417,1%	628,1%	13,1%
(a+b+c) = Diferença Saldo de Caixa	1936,6%	522,9%	678,7%	-84,8%

Fonte: elaborado pela autora.

O ano de 2012, sendo esse o ano utilizado como base para a pesquisa, apresentou uma baixa geração de caixa quando comparado aos anos posteriores. Apesar do fluxo de caixa das atividades operacionais ter sido bastante positivo, a empresa realizou muitos investimentos na aquisição de itens imobilizados, o maior em toda a série estudada. Também contribuiu para esse baixo índice o fluxo de caixa financeiro negativo, com diminuição dos empréstimos.

Em 2013, a geração de caixa foi significativamente maior que no ano anterior, variando em 1937%, em que pese a geração de caixa das atividades operacionais ter sido menor, principalmente devido ao item passivo circulante, que contribuiu negativamente com o índice, além de uma menor contribuição dos itens estoques e contas a receber. Os investimentos foram 33% menores que em 2012, e o endividamento aumentou.

Para 2014, a geração de caixa apresentou também um aumento significativo, variando positivamente em 523% em relação a 2013. Neste ano a atividade operacional foi o grande fator de destaque, tendo no aumento do lucro líquido e na redução do estoque os seus maiores defensores. As atividades de investimento e financiamento não tiveram grande impacto no índice nesse ano.

Já para o ano de 2015, a geração de caixa foi a maior da série, variando 679% acima do resultado de 2014. A redução do item contas a receber, no fluxo de atividade operacional, foi o principal fator de aumento, seguido pelo item outros (que se refere a transferência da rubrica depósito a prazo fixo para o disponível). As atividades de investimentos não tiveram variação significativa. Já nas atividades de financiamento, houve um aumento de 808% que também contribuiu para a formação da geração de caixa desse ano.

O ano de 2016 encerra a série histórica com a segunda melhor geração de caixa do período analisado em termos de valor, notando-se, porém, uma maior contribuição do item atividades de financiamento na formação do índice, 22% maior que o item atividades operacionais. Nas atividades operacionais, destaca-se que o lucro líquido de 2016 foi o menor da série, além de ter havido uma diminuição significativa no item contas a receber e no passivo circulante.

É importante ressaltar também que em toda a série estudada as atividades operacionais foram geradoras de caixa, demonstrando que a empresa cumpre a sua missão de adição de valor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a importância de uma geração de caixa positiva para a saúde financeira de uma empresa, e também para a criação de valor para os acionistas, objetivo principal das empresas.

Este estudo demonstrou que a empresa obteve uma geração de caixa positiva ao longo de todo o período analisado, sendo o fluxo de caixa das atividades operacionais o principal responsável por esses resultados. Considerando que a empresa é um participante do setor privado, com sócios capitalistas, esse fato é muito significativo, demonstrando que a empresa está sendo administrada positivamente no sentido de gerar valor, e contribuir com a sociedade.

Espera-se que os cálculos efetuados e as análises propostas contribuam para otimizar a tomada de decisão dos gestores da empresa analisada, e melhorar o entendimento à cerca da importância da Demonstração do Fluxo de Caixa Indireto como ferramenta de gestão

financeira e estratégica nas empresas, contribuindo dessa forma com a geração de conhecimento para a sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. *Finanças corporativas e valor*. Ed. 7. Porto Alegre: AMGH, 2013.

_____. *Curso de administração financeira*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 2014.

_____. *Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico financeiro*. Ed. 11. São Paulo: Atlas, 2015.

BARBOSA, D. S.; QUINTANA, A. C.; MACHADO, D. G. Análise da produção científica sobre os fluxos de caixa e a demonstração dos fluxos de caixa: um estudo da Revista de Contabilidade e Finanças da Universidade de São Paulo, no período de 1989 a 2009. *Enfoque: Reflexão Contábil*. Maringá, v. 30, n. 2, p. 52-66, mai-ago, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Enfoque/article/view/12452>>. Acesso: 25 out. 2016.

BRASIL, H. G. Geração de caixa e endividamento. *Revista Gestão e Tecnologia*. Pedro Leopoldo/MG, v. 1, n. 5, jan-jun, 2005. Disponível em: <<https://revistagt.fpl.edu.br/get/article/view/149/143>> Acesso: 01 fev 2017.

BREALEY, R. A.; MYERS, S. C.; ALLEN, F. *Princípios de finanças corporativas*. Ed. 10. Porto Alegre: AMGH, 2013.

CARVALHO, T. P. *Administração financeira de curto prazo: estudo de caso de uma construtora*. 2010. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Produção) - Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2010.

COSTA, F. *Análise financeira de uma empresa através da demonstração do fluxo de caixa: um estudo de caso*. 2009. 55 f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) - Centro Socioeconômico, UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/126844>> Acesso: 22 out 2016.

DAMODARAM, A. *Finanças corporativas: teoria e prática*. Ed. 2. Porto Alegre: Bookman, 2007.

DEITOS, M. L. M. S. O Processo de Incorporação de Tecnologia na Indústria Brasileira: dos primórdios da industrialização à abertura comercial nos anos de 1990. *Revista Gestão e Tecnologia*. Pedro Leopoldo/MG, v. 12, n. 1, jan-jun, 2012. Disponível em: <<https://revistagt.fpl.edu.br/get/article/view/302/347>> Acesso: 10 abril 2017.

GREMAUD, A. P; VASCONCELLOS, M. A. S. de; TONETO JUNIOR, R. *Economia brasileira contemporânea*. Ed. 7. São Paulo: Atlas, 2013.

IUDÍCIBUS, S. de. *Teoria da contabilidade*. Ed. 7. São Paulo: Atlas, 2010.

IUDÍCIBUS, S. de; MARION, J. C. *Introdução a Teoria da Contabilidade*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 2002.

IUDÍCIBUS, S. de; MARTINS, E; GELBCKE, E. R. *Manual de contabilidade das sociedades por ações*. Ed. 6. São Paulo: Atlas, 2003.

KASSAI, S. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*. São Paulo/SP, Caderno de estudo, n. 15, jan-jun, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cest/article/view/5613/7143>> Acesso: 14 out 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia científica*. Ed. 6. São Paulo: Atlas, 2011.

MARION, J. C. *Contabilidade básica*. Ed. 8. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. *Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. *Contabilidade empresarial*. Ed. 15. São Paulo: Atlas, 2009.

MAROCKI, P. F. Análise do ambiente competitivo do setor da construção civil baseado no modelo de Porter. 2015. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Produção Civil) Departamento acadêmico de construção civil, UTFPR. Curitiba, 2015. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3931/1/CT_EPC_2014_2_04.pdf> Acesso: 18 mar 2017.

MATIAS FILHO, J. *Notas de aula da disciplina Introdução a Contabilidade Financeira*. Campinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 12/09/2016.

PADOVEZE, C. L. *Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil*. Ed. 3. São Paulo: Atlas, 2000.

PIVETTA, G. A utilização do fluxo de caixa nas empresas: um modelo para a pequena empresa. *Revista eletrônica de contabilidade*. Santa Maria/RS, v. 1, n. 2, dez-fev. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/contabilidade/article/view/6229/3729>> Acesso: 22 out 2016.

QUINTANA, A. C.; SERAFIN, A. C.; SAURIN, V. Demonstração de fluxo de caixa e demonstração do valor adicionado como instrumentos efetivos de gestão financeira: um estudo de caso da Eletrosul. *Revista de Ciências da Administração*, Florianópolis/SC, v.5, n.10, jul/dez, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/4821/4113>> Acesso: 20 jun 2017.

RIBEIRO, O. M. *Contabilidade intermediária*. Ed. 4. São Paulo: Saraiva, 2013.

ROSS *et al.* *Administração financeira*. Ed. 10. Porto Alegre: AMGH, 2015.

SÁ, C. A. *Liquidez e Fluxo de Caixa: Um estudo teórico sobre alguns elementos que atuam no processo de formação do caixa e na determinação do nível de liquidez de empresas privadas não financeiras*. 2004. 74 f. Dissertação (Mestrado em Finanças e Economia Empresarial) – EPGE, FGV, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/306/1716.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 31 agosto 2016.

SEBRAE. *Fluxo de Caixa*. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/0_fluxo-de-caixa.pdf> Acesso: 29 agosto 2016.

SILVA, C. A. T.; SANTOS, J. O. dos; OGAWA, J. S. Fluxo de caixa e doar. *Scielo*. São Paulo, Caderno de estudo, n.9, out. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413->

92511993000200003&script=sci_arttext&tIng=es> Acesso: 13 abril 2016.

SILVA, E. C. da. *Como Administrar o Fluxo de Caixa das Empresas: Guia de sobrevivência empresarial*. Ed. 8. São Paulo: Atlas, 2014.

WARREN, C.S.; REEVE, J.M.; FESS, P.E. *Contabilidade Gerencial*. 2ª. Ed., São Paulo: Thomson Learning, 2008.

YIN, R. K. *Estudo de caso: Planejamento e método*. Ed. 5. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Contatos: ventriceamanda@gmail.com e jose.matias@mackenzie.br